

EDITORIAL

No dia em que escrevemos esse Editorial de **albuquerque: revista de história**, 8 de maio de 2020, foram noticiadas 751 mortes no Brasil de pessoas vitimadas pela Covid-19 (UOL, 2020). No dia anterior, Damares Alves, ocupante do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, questionada em entrevista coletiva, afirmou que poucos moradores de rua adoecem de Covid-19 porque ninguém pega nas mãos deles ou lhes abraça (ARAÚJO, 2020); Regina Duarte, Secretária Especial de Cultura do país, em entrevista à CNN Brasil, questionada sobre as mortes e tortura durante a Ditadura Militar (1964-1985), cantando a marchinha “Pra frente Brasil”, minimizou os fatos dizendo que “onde há vida, há morte” (RICCI, 2020); o ocupante do cargo máximo da república, Jair Messias Bolsonaro, anunciou um churrasco para cerca de trinta pessoas para o fim de semana no Palácio do Planalto (FERNANDES, 2020).

O número 22 de **albuquerque: revista de história** vem à público quando enfrentamos uma pandemia de Covid-19, doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. Iniciada em Wuhan, capital da província chinesa de Hubei, nos últimos dias de dezembro de 2019, os contágios muito rapidamente cruzaram fronteiras, ocasionando a pandemia que tem assolado países em todos os continentes. No Brasil, o primeiro caso foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020; cinquenta e dois dias depois, foram confirmados pelo Ministério da Saúde 145.328 casos e 9.897 mortes.

Em veículos da grande imprensa televisionada, virtual e impressa, assim como nas redes sociais, estes números têm recebido rosto e história, contadas por aqueles e aquelas que enfrentam, agora, o luto. São trajetórias interrompidas por uma tragédia global. O esforço de lhes dar face é importante quando enfrentamos a frieza das estatísticas. São pessoas das mais variadas idades, de grupos sociais diferentes, cujas vidas foram encerradas. Entretanto, não globalmente, mas nacionalmente, se enfrenta uma outra pandemia: a do negacionismo, que tem recebido uma grossa demão de cinismo.

Quando assistimos às entrevistas daqueles e daquelas que ocupam importantes postos na política nacional, como aqueles citados nas primeiras linhas deste Editorial, é preciso ressaltar, como resposta, a necessidade da Ciência e, nela, das Ciências Humanas e Sociais. E também se mostra necessário dizer que é possível escolher um lado nas disputas que se apresentam.

Se a pandemia chegou no Brasil atingindo inicialmente as camadas abastadas e médias de nossa sociedade, capazes de circular pela Europa e de lá fazer o coronavírus chegar aqui, as

medidas de restrição são menos eficazes nas camadas empobrecidas que, dependendo unicamente de seus esforços para manter o prato cheio, precisa trabalhar, ocupando desde postos informais nos centros urbanos, até aqueles de cuidado dos/das doentes nos hospitais do país. Enquanto as taxas de contaminação e morte caem rapidamente nos bairros ricos das grandes cidades, nas periferias ocorre justamente o contrário, com aumento dos números de contágio e, conseqüentemente, de mortes. O Sistema Único de Saúde (SUS), sangrando há anos, recebe agora uma demanda muito maior e, obviamente, está a cada dia mais estrangulado.

Enquanto isso, em diversas capitais do país, parte da burguesia nacional realiza carreatas e buzinaços em frente a hospitais para que as restrições sejam suspensas e, assim, os CNPJs sejam salvos – à custa do sepultamento de CPFs dos/das trabalhadores/trabalhadoras. Se há uma evidência facilmente observável na crise, é a desigualdade que assola o país.

A Ciência tem sido objeto de descrédito desde as primeiras horas de 2019. As Ciências Humanas e Sociais sobretudo, mas não unicamente. O negacionismo surgiu na Europa, logo após o término da segunda guerra mundial, como um movimento político-ideológico de negação do Holocausto. Ele encontrou lastro e floresceu primeiro nas universidades europeias, mas chegou ao Brasil nos anos 1970, aglutinando simpatizantes de perspectivas extremistas e neoneofascistas. Como um movimento cada vez mais ampliado, ele tem se ramificado, aproveitando-se das crises econômicas, do enfraquecimento dos partidos políticos e de políticas nefastas contra os movimentos sociais, inflado pela bolha das redes sociais, pela utilização de robôs e da disseminação de fakenews, se infiltra na opinião pública distorcendo a realidade, sem embasamento empírico, a partir de concepções pessoais, religiosas e de interesses de manutenção do poder.

Do negacionismo histórico, temos mais recentemente o negacionismo ambiental e o negacionismo médico-biológico. Partindo da negação como paradigma para explicar e atuar no mundo, esses atores sociais se contrapõem ao humanismo como visão de mundo e de orientação no espaço público visando o bem comum, valendo-se do hedonismo, da egolatria, da violência e do cinismo, a partir da ausência de qualquer empatia pelas relações alteritárias, colocam não só as suas vidas em risco, como promovem o genocídio.

Esse é, por certo, um dos motivos não ditos pelos quais tais atores mireem com tal virulência as Ciências Humanas e Sociais: eles querem reescrever o passado a partir de seus interesses e delírios, e, assim, no desenvolvimento de sua necropolítica, determinar um futuro hediondo para a sociedade global.

Na contramão de tudo isso, queremos agradecer a organizadora e o organizador do dossiê *Visões e discursos sobre o "estar doente": os papéis sociais estabelecidos pelas instituições de saúde, no século XX e início do XXI*, assim como os autores e as autoras que compuseram o dossiê e as demais seções de **albuquerque: revista de história**, demonstrando que sim, a ciência é necessária para a sociedade nacional e global porque tem como principais tarefas compreender a realidade, fomentar o debate público por meio do qual se combatem os maus governos e o negacionismo, e promover, a partir de seus vários ramos, a vida e o bem-estar comum, em sociedades menos desiguais, menos violentas e de maior empatia.

Aquidauana-MS-Brasil, 8 de maio de 2020.

@s editor@s

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Thalís. 'Poucos moradores de rua têm covid-19, porque ninguém pega na mão deles', diz ministra Damares. **Jornal do Commercio**, Recife, 07 maio 2020. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/politica/2020/05/5608494—poucos-moradores-de-rua-tem-covid--porque-ninguem-pega-na-mao-deles---diz-ministra-damares.html>: Acesso em: 08 maio 2020.

FERNANDES, Augusto. Bolsonaro diz que fará churrasco para uns 30 convidados no sábado. **Correio Brasiliense**, Brasília, 07 maio 2020. Disponível em: https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/politica/2020/05/07/interna_politica,852555/bolsonaro-diz-que-fara-churrasco-para-uns-30-convidados-no-sabado.shtml. Acesso em: 08 maio 2020.

RICCI, Larissa. Artistas criticam postura de Regina Duarte em entrevista à CNN. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 08 maio 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/05/08/interna_nacional,1145502/artistas-criticam-postura-de-regina-duarte-em-entrevista-a-cnn.shtml. Acesso em: 08 maio 2020.

UOL. Covid-19: Brasil passa o dobro de mortes da China; 751 confirmadas em 24 horas. Coronavírus. **Universo On Line**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/08/coronavirus-covid19-casos-mortes-brasil-8-maio.htm>. Acesso em: 08 maio 2020.

